

Condições de trabalho do professor de língua estrangeira e o papel do supervisor escolar

The working conditions of foreign language teacher and the role of the school supervisor

Amanda Aparecida de Almeida Borges

DOI: 10.47573/aya.88580.2.53.11

RESUMO

Este estudo tem como intuito apresentar alguns aspectos da condição de trabalho de professores, mais especificadamente de professores de Língua Estrangeira, no ensino regular das escolas públicas. O caráter dessa investigação relaciona-se com uma constante discussão sobre a prática do ensino de Língua Estrangeira, seu planejamento, sua aplicação e condições de formação e trabalho do professor na escola. Diante dessas observações, também buscaremos laçar a discussão de como o Supervisor Escolar pode vir a auxiliar o professor promovendo uma educação de qualidade, atendendo e colaborando com ele em sua prática pedagógica. Com o interesse de conhecer a realidade foi formulado um questionário que possibilite a reflexão de tal prática de ensino. Este trabalho de pesquisa tem, então, como razão, proporcionar inquietação a nós futuros profissionais da supervisão escolar de modo a debater e considerar os atuais aspectos que perpassam o ensino e a supervisão escolar.

Palavras-chave: ensino de língua estrangeira. supervisão escolar. prática pedagógica.

ABSTRACT

This study has the purpose to show some aspects of teachers' working conditions, specifically English teachers, in regular public school's education system. This investigation relates to a constant discussion about English teaching practice, its planning, application and teachers' training and working conditions at school. Before these observations we also seek to endorse the discussion about how the School Supervisor can support the teacher by promoting a high-quality education, aiding and collaborating with the teacher in his pedagogical practice. To get to know the reality of these aspects a survey was made and it also allows to reflect about such teaching practice. This research intends to provide concern to us, future schools supervisor professionals, seeking to consider and debate about current aspects that permeate teaching and school supervision.

Keywords: english teaching. school supervision. pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”(Paulo Freire)

Quando pensamos na prática do ensino de Língua Estrangeira refletimos as dificuldades e desafios que os professores passam. Há muito se discute essas práticas. Estudos de Psicologia e Didática há décadas vêm trabalhando as estratégias de ensino. O professor também vem se desdobrando na elaboração de material, no prover do interesse dos alunos e, muitas vezes, na falta de apoio dentro da instituição escolar¹

Para trazer dados condizentes com a realidade desse ensino, foi elaborado um questionário que possibilite a reflexão de tal prática. A professora de Língua Inglesa se propôs a responder perguntas que nos proporcionará inquietações e reflexões acerca de como a Língua Estrangeira se faz presente nas escolas.

A coleta de dados se deu com base em um questionário, que foi entregue a uma pro-

¹ Não há como negar que, por ser uma disciplina de pouca carga horária, o cuidado com a mesma pode ser negligenciado pela escola..

fessora da rede pública de ensino, a quem chamaremos a partir de agora de Educadora. A Educadora se formou em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2000 e desde então vem atuando no ensino regular. Tomando como base as respostas da professora, buscaremos correlacionar o que tem sido proposto atualmente pelos teóricos e pesquisadores de ensino de língua estrangeira e o que tem sido praticado efetivamente nas escolas.

O PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA PÚBLICA

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.(Paulo Freire)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira de 1998, a inserção de uma área de ensino na grade curricular depende do papel que está implicado no corpo social. É considerado relevante o ensino de Língua Espanhola (devido a fronteira continental que o Brasil tem com os países falantes dessa língua) e de Língua Inglesa (mediante as questões econômicas). Nos PCN's é possível ler

“há de considerar o valor educacional e cultural das línguas, derivado de objetivos tradicionais e intelectuais para a aprendizagem de Língua Estrangeira [...] Por outro lado, há de considerar as necessidades lingüísticas da sociedade e suas prioridades econômicas, quanto a opções de línguas de significado econômico e geopolítico em um determinado momento histórico. Isso reflete a atual posição do inglês e do espanhol no Brasil.” (sic) (PCN's, p. 40, 1998)

Diante a potência econômica que os países de língua inglesa representam, com suas multinacionais espalhadas pelo mundo, e a necessidade de comunicação com elas, convencionou-se acrescentar a língua inglesa ao currículo do ensino de nível fundamental. Vale ressaltar que a Língua Espanhola é considerada importante para o Brasil (principalmente nas regiões fronteiriças), e que somente pela facilidade de se encontrar professores habilitados em Língua Inglesa é que se deu tal escolha. Então, relacionaremos algumas questões ao ensino de Inglês.

Sobre a Língua Estrangeira (LE) – caracterizada, basicamente, por um idioma não natural de um país – nas escolas regulares, Almeida Filho (2007)² diz que o papel fundamental desse ensino é de “preparar o contato com falantes e culturas estrangeiras na medida em que faz sintonia com os propósitos da escola na formação do educando” (pág. 41), espera-se que a comunidade escolar (pais, alunos, e mesmo professores) acredite que a LE também tem valores formativos, bem como a língua materna (L1/ LM). Assim, LE funciona como ferramenta de contato, proporcionando conhecer o outro e sua cultura.

Vários estudos sobre métodos, técnicas e recursos que viabilizem o processo ensino/aprendizagem foram observados nas décadas de 1960 e 1970, mas é a partir dos anos 90 que cresce o interesse sobre a LE na sala de aula. Conhecemos algumas abordagens teóricas e suas metodologias, a saber (as mais comuns):

- (a) o Método da Gramática e Tradução: que tem o foco na gramática e tradução literal de palavras isoladas e aplicação de regras.
- (b) Método Direto: gramática por indução, leituras para maior compreensão, uso exclusivo da língua.
- (c) Método Audiolingual: foco na língua e não no aluno. Teoria baseada no behaviorista.

² *Linguística Aplicada – Ensino de línguas e Comunicação, 2007.*

Repetição de exercícios. Diálogos.

Os métodos comunicativos, assim chamados por Almeida Filho (2008), que podem promover o ensino nas salas de aula, são aqueles que não prendem o professor no uso excessivo da gramática, tão pouco aqueles que a excluem. O que se espera é os professores compreendam efetivamente os métodos, que busquem formas metodológicas favoráveis para que seus alunos consigam apreender os conteúdos. Por comunicativo há um apontamento pertinente a ser mencionado: o professor comunicativo é aquele que considera o aluno, não um ser inferior, mas um sujeito em formação capaz de se ver dentro das possibilidades que lhe são apresentadas (ALMEIDA FILHO, 2008). Infelizmente, ao que parece, os alunos não estão sendo formados para serem autônomos ou se sentirem assim. Indagada sobre a participação de seus alunos nas decisões referentes às aulas de inglês, a Educadora declara somente que quando percebe certo desânimo geral dos alunos, busca outros métodos, mas colocá-los em uma posição de decisão sobre algum aspecto da aula.

Sobre a entrevista com a educadora

Pensando a prática do professor de LE, lançamos mão do depoimento da educadora acerca de suas estratégias para o ensino. Em suas respostas, a educadora declara que não abre mão dos exercícios de fixação e diálogos que proporcionem maior prática da LE, mas que diante do não entendimento do conteúdo, faz relações com as estruturas da língua portuguesa, se percebe a necessidade por parte dos alunos, adota métodos comumente usados como os *feedbacks*. A respeito dos *feedbacks*, Marilyn Lewis em seu livro intitulado “Feedback em aulas de idiomas”, irá argumentar que essa prática auxilia o professor a refletir sobre “o processo individual e coletivo da classe” além de ser, indiretamente, “uma forma de avaliação de seu própria metodologia de ensino” (p. 5, 2003). Ainda como prática metodológica a educadora nos revela que faz uso do livro didático (manual do professor) para a fundamentação teórica, mas ao que parece o considera insuficiente para todo o trabalho que envolve o ensino de uma nova língua.

Para muitos professores (seja qual for sua área de atuação) o livro didático simboliza um lugar de saber, nesse material, além de uma teoria (vinculada a alguma abordagem metodológica), o professor pode encontrar exercícios, atividades que podem estimular os alunos. Contudo sabemos das deficiências que os livros didáticos podem apresentar, o pesquisador Márcio Luiz Corrêa Vilaça (2009) argumenta que há sim limitações nos materiais, e que os professores e alunos “não devem esperar ou imaginar que todo o conhecimento necessário para uma disciplina ou um curso esteja contido do livro didático.” (p. 8), tal como faz nossa educadora – ao buscar outros caminhos desvinculados do livro didático -, os professores devem, além de avaliar os livros, buscar complementos coerentes à prática educacional.

Refletir sobre seu papel de professor, formador de pessoas, é uma prática que tem sido discutida e incentivada em vários congressos e encontros de educadores. Acreditamos que essa reflexão (mesmo que superficial) já exista, posto que os professores estejam (ou acredita-se que) a todo momento se indagando por exemplo, no modo que irá apresentar determinado conteúdo. Essas inquietações que se realizam durante a sala de aula é nomeada por Schon de reflexão de ação, e as que ocorrem antes e depois das aulas são chamadas de reflexão sob ação (1983 abud McKay 2003). Não seria mais interessante e até mesmo benéfico ao professor refletir sua prática fora da sala de aula? Não é o caso de “não pensar no momento do agir”, no ato que se dá

a prática educativa, não se nega a reflexão dentro de sala, o que se propõe é refletir sobre sua prática diária fora da ação educativa, isto é, se o professor planeja sua aula antecipadamente este deveria ser o momento de reflexão profunda sobre sua práxis. De acordo com McKay, o professor reflexivo busca resolver os problemas apresentados na sala de aula, trabalham seus valores e conhecimentos sobre a prática educativa, têm consciência das exigências de cada aluno (ou grupo de alunos), buscam melhorar o âmbito educacional com projetos que acarretem mudanças na escola e na educação em geral, e buscam o aperfeiçoamento profissional, ou seja, busquem o desenvolvimento profissional.

Nossa professora entrevistada, assim como a grande maioria dos professores, planeja suas aulas com antecedência. Esse planejamento não determina uma reflexão crítica de da prática, infelizmente o planejamento pode ter se tornado mecânico. Muitos professores se valem de seus cadernos usados há anos atrás, desconsiderando o aluno. Dizemos “desconsiderar” posto que os indivíduos não são iguais, cada aluno (ou grupo de alunos) determina uma prática específica, e o professor deve estar ciente disso. Com os estudos de Psicologia da Educação, nossa educadora diz considerar os processos particulares de aprendizagem, a cada nova turma, procura traçar um perfil geral e a partir disso se adequar as especificações do grupo.

Pela necessidade de se promover o ser crítico-reflexivo a formação continuada tem sido estimada por vários estudiosos dos processos educacionais já que possibilita ao professor construir ou reconstruir e repensar a Educação (com as especificações de sua área). Há novos projetos que podem auxiliar o professor na sua prática docente, e novos cursos capacitam ainda mais esses profissionais que também devem acompanhar as mudanças nas relações.

O SUPERVISOR ESCOLAR E O PAPEL DE APOIO AO EDUCADOR

"Será indispensável alterar a organização das escolas, interrogar práticas educativas dominantes. É urgente interferir humanamente no íntimo das comunidades humanas, questionar convicções e, fraternalmente, incomodar os acomodados". (José Pacheco)

No âmbito da escola, o professor tem como apoio pedagógico a supervisão escolar. Nérici³ (1981) defende a relação intimista de atuação entre supervisor e corpo docente, sendo desse a grande responsabilidade do ensino de qualidade e daquele a função orientadora e colaboradora desse processo. Mas nem sempre foi assim. A relação de autoridade foi observada por Nérici quando comenta sobre o processo evolutivo da supervisão. Outrora, desempenhando o papel de inspeção administrativa (fase fiscalizadora), se desenvolve ao longo dos anos passando para o que o pedagogo chamou de fase construtiva e fase criadora.

Atualmente, em uma relação conjunta, o professor encontra-se amparado dentro da escola, visto que consiste como funções da supervisão escolar, segundo Brigs e Justman *apud* Nérici (1981, p. 44-45), (entre outras)

- Exercer liderança, de sentido democrático, sob estas formas: promovendo o aperfeiçoamento profissional da escola e de suas atividades; procurando relações de cooperação de seu pessoal; estimulando o desenvolvimento dos seus professores em exercício, e colocando a escola mais próxima da comunidade;
- Ajudar os professores a adquirir maior competência didática;

³ In: *Introdução à Supervisão Escolar, 1981, 4ª Edição.*

- Ajudar os professores a diagnosticar as dificuldades dos alunos na aprendizagem e a elaborar planos de ensino para superação das mesmas;

Esse trabalho conjunto e democrático rege a supervisão, gestão escolar e até mesmo as relações professor-aluno. Sobre supervisão democrática, Nérici aborda como sendo aquela que cria “um ambiente de compreensão, liberdade, respeito e criatividade” (p. 31, 1981). E mais, como também aponta Libâneo, o supervisor é aquele

capaz de fazer a articulação entre equipe diretiva, educadores, educandos e demais integrantes da comunidade escolar no sentido de colaborar no desenvolvimento individual, social, político e econômico e, principalmente na construção da cidadania ética e solidária. (p. 35, 2002)

Nota-se, dessa forma, o quão profundo é o trabalho do supervisor escolar, sua atividade relaciona-se com toda a comunidade promovendo o pleno desenvolvimento para que se alcance a educação de qualidade. Articulação essa que apresenta um novo paradigma na função supervisor escolar.

Nesse novo ambiente, o supervisor trabalha as relações humanas, e assim, estimula a criatividade didática do docente e até mesmo propõe, por meio de críticas, a melhora de material pedagógico e desempenho. Não só nesse espírito cooperativo, mas também incentiva e cria possibilidades de aperfeiçoamento docente por meio de cursos de atualização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conversa com a Educadora durante a aplicação do questionário trouxe a tona outras questões como condições estruturais e financeiras de trabalho, certas “falhas” que a graduação apresenta na formação do professor, enfim, um debate enriquecedor. Mas à parte dessas situações mais exteriores (que são sim relevantes), podemos perceber que a situação mais localizada, ou seja, as condições de trabalho dentro da instituição escola, a assistência, o respeito e o incentivo são mais gritantes (foi percebido pela tonalidade da voz, pela mudança de postura) e fazem com que todo trabalho de ensino-aprendizagem seja moldado conforme o professor é tratado ali.

O supervisor escolar tem, então, papel imprescindível para que se alcance os objetivos da Educação, podendo ser entendido como parte basilar do desempenho do professor. Percebe-se, assim, que a postura ameaçadora e intimidadora, de que se valiam muitos profissionais ocupantes da supervisão escolar, já não cabe no sistema de ensino que visa uma integração horizontal daqueles que fazem parte do meio escolar. Dessa forma, se estabelece uma relação de confiança por parte do professor que se empenha, dedica e percebe o apoio e orientação por parte da supervisão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no ensino de línguas. 5ª Edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11638/1/Dissertacao%20Kaline%20Mendes.pdf>>, acesso em 14 de fevereiro de 2014.

_____, José Carlos Paes de. Linguística Aplicada – Ensino de línguas e Comunicação. 2ª Edição, Campinas, SP. Pontes Editores e ArtLíngua, 2007.

LEWIS, Marilyn. Feedback em Aulas de Idiomas. Tradução de Renata Lea F. Oliveira. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos para quê? 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MCKAY, Sandra L. O processo reflexivo: guia para investigação do comportamento em sala de aula. Tradução Renata Oliveira. SP: Livraria SBS, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASIL. “Língua Estrangeira/ Terceiro e Quarto ciclos da escola fundamental”. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998. Disponível: em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrageira.pdf>, acesso em 12 de fevereiro de 2014.

NÉRICI, I. G. Introdução à Supervisão Escolar. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1981.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O Material Didático no Ensino de Língua Estrangeira: definições, modalidades e papéis. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Ano de Publicação: 2009.

ANEXO

Questionário

I - Conhecendo o professor

Há quanto tempo você ministra aulas de língua estrangeira, no seu caso a Língua Inglesa?

Intercalando os anos letivos, acredito que, desde que me formei, lecionei um total 6 anos de Língua Inglesa. Mas em 2013 e agora, em 2014, eu não lecionei aulas de Inglês, somente de Língua Portuguesa.

Na faculdade, os conteúdos de língua estrangeira foram suficientes ou você procurou um curso da língua em escola de idiomas para se aperfeiçoar? (o intuito dessa pergunta refere-se ao fato de muitos professores de ensino regular apresentarem a língua com uma metodologia muito parecida com a das escolas de idiomas)

Quando eu entrei na UFU me senti um pouco acuada porque o nível de Inglês que era exigido eu não tinha. Sentia-me constrangida em responder certas questões em voz alta, mas me esforçava bastante para conseguir acompanhar as aulas. Lembro-me que um professor dizia que minha pronúncia era boa, mas mesmo assim a minha timidez e a falta de experiência teórica me inibiam. Com o esforço de toda família consegui fazer um cursinho particular, isso ajudou bastante. Em relação a metodologia que costumo usar com os alunos, acho que há um mistura. Às vezes em um aula apresento mais conteúdos gramaticais com suas regras e depois exercícios, e em outras de acordo com a UFU, no meu tempo de Letras o professores sempre buscavam nos ensinar algo além de só regras de uso.

Possui alguma pós-graduação?

Sim, em Psicopedagogia. E pretendo fazer outra com foco na educação inclusiva.

II - Conhecendo a prática do professor

De modo geral, como são ministradas suas aulas? Há uma estrutura que você segue?

O feedback eu faço quando sinto que ficou alguma questão que eles não conseguiram entender. Observo isso com o resultado de exercícios. Mas basicamente eu apresento um conteúdo novo, tento fazer relações com a Língua Portuguesa para que eles entendam um pouco mais, depois peço para que tentem formular frases orais com uso dos Adverbs of Frequency, por exemplo. Depois disso, um trabalho (elaborar diálogos) ou exercícios de fixação.

O livro didático é o único material utilizado em suas aulas? Se sim, Você o considera suficiente? Se não, que outro tipo de material você utiliza.

O livro didático que uso é mais para a teoria, para os exercícios uso outros e, às vezes, complementar a teoria, os meus mesmo. Isso já mostra que não acho suficiente, mas é uma ferramenta que auxilia sim. No começo o livro didático foi importante pra mim, agora nem tanto. Acredito que a facilidade com que podemos coletar informações hoje em dia ajuda muito os professores, se tratando de possibilidades de exercícios.

Seus alunos tem espaço (no sentido de opinar) nas aulas? Como é a interação aula (conteúdo, didática) e alunos?

Bom, os conteúdos são aqueles pré-estabelecidos, isso não dá pra mudar. Mas eles têm voz sim, às vezes. Acho que a maioria dos professores escutam seus alunos, principalmente pelas expressões. Não lembro de pergunta-los sobre o que estavam achando das aulas. Mas se vejo

não está dando certo, busco mudar os métodos. Tento mantê-los motivados, mas não é fácil. Eles gostam quando levo músicas ou algum exercício sobre atores, filmes e seriados.

Você concede aos alunos condições e liberdade para que eles busquem conhecimento fora dos horários de aula? (oferece outras referências bibliográficas, dicas de sites, etc)

No começo da minha carreira fazia com frequência, hoje nem tanto. Referências bibliográficas até que não, mas falo de filmes. Incentivo a assistir filmes legendados, pegar letras de músicas e suas traduções, mas bibliografias de livros teóricos não.

O andamento das aulas depende muito dos alunos. Como você planeja suas aulas, e quais os métodos usados quando há algum conteúdo disciplinar que os alunos têm dificuldade?

Quando o conteúdo é meio complicado eu me estendo nele uma ou duas aulas a mais. Sempre com exercícios. Apresento muitos exemplos também. Sempre alerta que é necessário manter contato com a língua e não só deixar para o dia da aula, que é uma vez por semana apenas. Quanto ao planejamento, planejo o conteúdo de semana em semana, até porque, como você diz, o rendimento das aulas depende dos alunos.

Você reflete sobre os processos de aprendizagem pelos quais os alunos passam para a aquisição do conhecimento, e conseqüentemente do conteúdo por você apresentado?

Uma das disciplinas que mais gostei durante o curso foi Psicologia da Educação. Foi importante para entender um pouco sobre esses processos de aprendizagem. Eu sei que cada um tem seu tempo para aprender, mas também percebo que alguns não gostam mesmo é da língua estrangeira.

A maioria dos professores se considera facilitador ou mediador do processo ensino-aprendizagem. Como você analisa e reflete sua prática enquanto professor?

Com a língua estrangeira, principalmente se o aluno teve pouquíssimo contato, o professor é o caminho para o novo. Nesse caso acho que o professor será crucial para que haja empatia ou não com a língua. Por isso que com os garotos do 5º Ano tento ser cautelosa e me concentrar no meu papel de educadora. Mas sem dúvida que esses dois termos que você usou na pergunta, mediador e facilitador, são os papéis do professor. Mas é raro o aluno que faz sua parte: que busca, que quer realmente apreender aquilo que estamos dispostos a fornecer, e isso é um pouco desmotivador.

Como você vê a atual tendência de se repensar a prática do professor e os muitos projetos de aperfeiçoamento dessa prática?

Já ouvi de colegas professores que isso é certo desrespeito, porque ficamos anos na faculdade e depois ainda nos mandam fazer mais e mais cursos. Minha opinião sobre é que em todos os campos do conhecimento isso acontece. Não é nada incomum que se ocorra na área da Educação, porque as coisas evoluem, novos métodos vão surgindo, e isso é bom. Vem para contribuir. Mas há coisas que se pensar, por exemplo, na sobrecarga que esses cursos acarretam, mas os acho importantes sim. Acho que o professor, como qualquer outro profissional, tem que tentar acompanhar as inovações.

III- Atuação do Supervisor escolar junto à Educadora

Quando você começou a atuar houve algum tipo de apoio pedagógico ou mesmo emocional dentro da escola?

Quem mais me ajudou foi a diretora na época, talvez por também ser formada em Letras. Me deu dicas, principalmente de postura em sala de aula.

E por parte da supervisão escolar?

Um pouco. Mas sentia que estava ali (no módulo) mais para comprimir horário do que para receber algum apoio pedagógico, não que não houvesse, tinha sim, mas na maioria das vezes partia de eu questionar, pedir ajuda para algum material, coisas desse tipo.

Acha que nos seus módulos, por exemplo, poderia ter recebido mais apoio por parte da supervisora?

As coisas mudaram muito desde a minha época. Hoje percebo a supervisão escolar bem mais ativa. Há dialogo real nos momentos que nos encontramos e isso, apesar da minha maturidade na prática escolar, me deixa mais tranquila. Mais isso depende de cada pessoa que assume o cargo. Tem pessoa que assume e desempenha o papel, outros não.